

O Museu de Casa - I

Já chamarem de vício impune ou brincadeira de gente grande o ato de colecionar, apesar de que, desde o início, mais ou menos seriamente, tenha feito mais virtuosos do que pecadores. Hoje, está praticamente superada a noção de que colecionar se trata de um passatempo amadorístico. É sabido que fatores econômicos, culturais e sociais tomam parte no jogo.

No ato de ajuntar, simplesmente, há um grande impulso inerente à natureza prática ou fetichista do homem. Seja qual for a razão, durante toda a sua vida ele reúne coisas, ajunta, coleciona. Forma-se colecionador por opção e prazer, porém muito raramente por sacrifício e necessidade.

O bem-cuidado álbum de figurinhas de ontem poderia muito bem estar estimulando hoje a aquisição de gravuras pelo comprador de pinturas de amanhã. A lembrança de inefáveis brinquedos do passado poderia ser a senda do colecionador de múltiplos para se chegar a ser um entusiasta da escultura. Em ambos os casos, poderia até estar incluído um futuro "comprador" de arte conceitual, essa modalidade de expressão radical, evanescente no espaço e no tempo, que, por não produzir como resultante documentos diretos, se torna quase anti-coleção. Quantitativamente, quadros ou esculturas, gravuras ou múltiplos, figurinhas ou brinquedos antigos, constituem uma parcela mínima dos vários itens passíveis de se colecionar. Entretanto, sem desprezá-la categoricamente, precisamente na variedade restante temos nossa faixa de maior interesse.

O escopo desta série de artigos é mostrar - principalmente pela ilustração, produzida com uma ótica de designer, fotografada dentro de um campo uniforme ou neutro - o objeto colecionável inter-relacionado com seus similares. Programamos a sua produção no sentido de evitar tomadas de objetos sobre mesas, dentro de vitrinas, em nichos, entre folhagens ou mergulhados em cenários montados, para que essa importante parte decorativa, que foge ao alcance destas linhas, ficasse por conta da fantasia do leitor interessado.

Hoje, quem realmente sabe colecionar, sabe dispor seus objetos de coleção, dando-lhes o ambiente, a iluminação correta, o espaço orgânico e a proteção adequada, que eles demandam. Os livros e revistas de decoração e arquitetura de todo mundo, há anos, têm tratado exaustivamente do tema mostrando e analisando a apresentação de coleções existentes ou sugerindo novas idéias, baseadas na moderna museografia.

(continua)

Ao arremontarmos as peças, evitamos estabelecer conjuntos só pelo fato de serem feitos do mesmo material. Desconfiamos dos critérios niveladores que sempre encombrem a criatividade. Ahamos mais natural e explícito enfatizar os temas, ou melhor, as formas que os diversos materiais, em diferentes épocas, receberam das mãos de seus criadores, tendo em mira a destinação e a finalidade da obra. Em última análise, quase sempre a monótona proposição dessas coleções, acaba reduzindo sumariamente a sua significação a uma mera reserva de material. Material que quando precioso, torna-se somente valioso intrinsecamente. Por outro lado, desprezar todos esses depósitos regidos por tal modo simplista de classificação, faria com que, ao continuar nosso trabalho, estivéssemos perdendo peças interessantes à nossa demonstração. Assim, dessas coleções peculiares, apesar de tudo, recebemos a colaboração de peças insubstituíveis. Teremos, evidentemente, alguns casos à exceção quando o material especificamente rege a forma e a função do objeto, o conteúdo e/ou o suporte da obra. Portanto, vasos de vidro art-nouveau só podem ser de vidro ou joias de ouro pré-colombianas só podem ser de ouro embora existam vasos art-nouveau ou joias pré-colombianas, feitos de outros materiais, etc.. Em conclusão, eis o porque de nossa escolha da mais nobre alternativa, a do autor ou factor da obra que usou o material só como apoio de seu projeto.

Na impossibilidade de trazer para esta página tudo com que se faz hoje uma coleção, reservamos o direito de opção dentro de um emaranhado de possibilidades. O que aqui aparece e/ou aparecerá foi deliberadamente escolhido quase sempre entre diversas coleções particulares com o fito de se conseguir uma desejada harmonia entre as partes. Por último, mas não por menos, queremos frisar que não pretendemos com nossas ilustrações, de maneira alguma, estar esgotando o assunto, nem encerrando-o com a última palavra. Sabemos muito bem que estaria sempre faltando, é certo, algum objeto que viria melhorar nossa escolha.